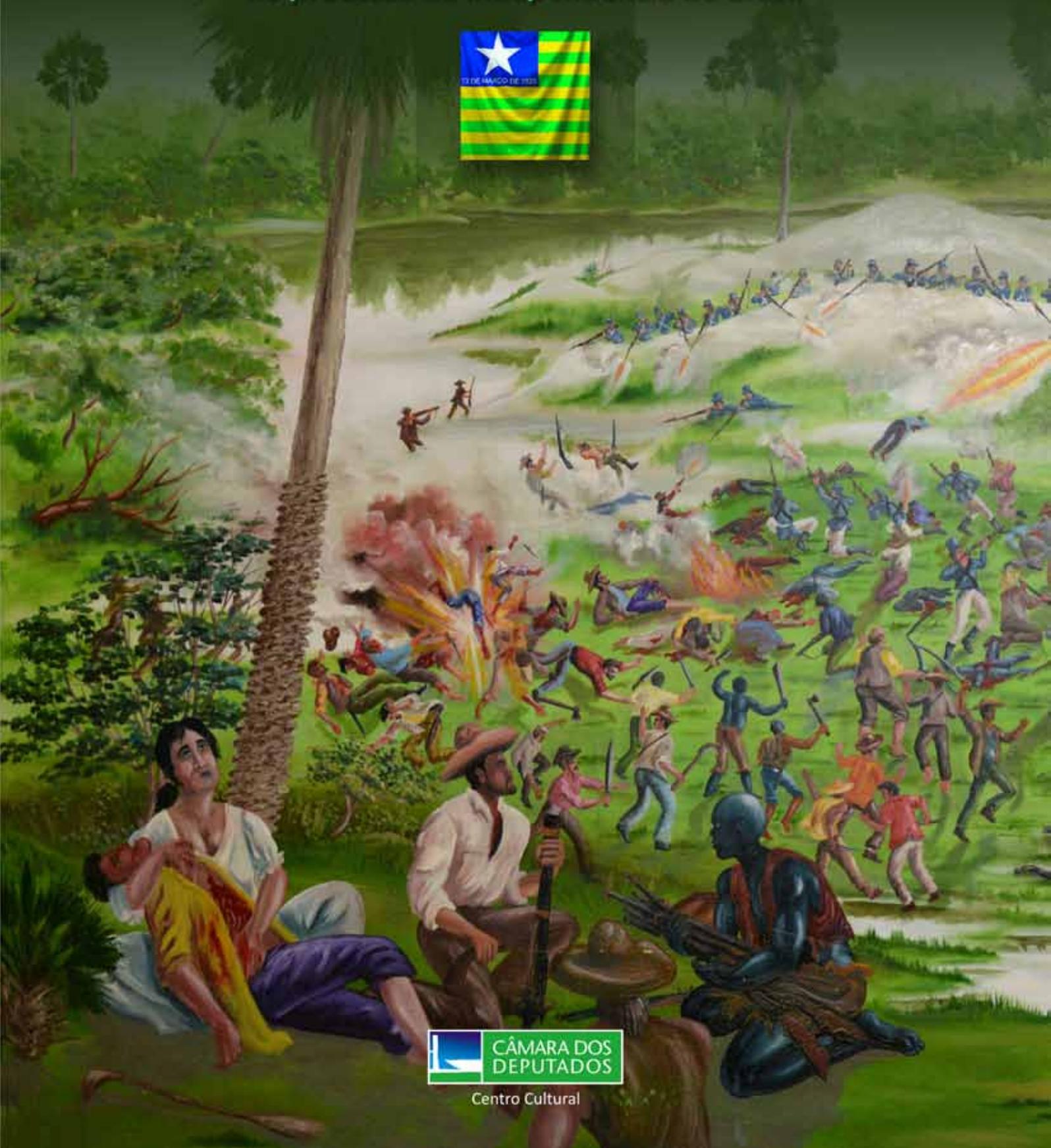


A Batalha do Jenipapo

no processo da Independência do Brasil



A Batalha do Jenipapo
no processo da Independência no Brasil

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

A história do Brasil que aprendemos nos bancos escolares e que é reproduzida nos livros e manuais didáticos está repleta de lacunas em relação a determinados fatos, sobretudo aqueles protagonizados por sujeitos históricos anônimos, ligados aos setores subalternos da sociedade. Nossa historiografia oficial primou pelo registro de fatos que enalteciam determinados personagens em detrimento de outros. Nos últimos anos, face à renovação dos estudos históricos em nosso país, procura-se mostrar que a História não é apenas fruto da ação isolada de grandes homens - os heróis nacionais, mas que ela se tece no cotidiano, onde emergem diferentes atores sociais. Todos nós fazemos História!

Um dos fatos relegados ao esquecimento pela história oficial são as guerras ocorridas nas províncias do norte durante o processo de independência do Brasil, mais precisamente aquela que aconteceu na então província do Piauí, cujo evento mais significativo foi a Batalha do Jenipapo, em 1823, que é o objeto desta exposição.

O processo de nossa independência não ficou restrito ao “grito heroico” de D. Pedro às margens do Ipiranga, no dia 7 de setembro de 1822. A bem da verdade, a independência de nosso país não pode ser vista como uma mera data no calendário. Ela foi fruto de um amplo processo que se inicia com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, prolonga-se pelo governo joanino que resultou no fim do pacto colonial, desdobra-se na regência de D. Pedro que, com apoio das elites políticas locais, desobedece as Cortes de Lisboa, e permanece no Brasil e resolve romper com os laços que nos prendiam à metrópole portuguesa.

A presente exposição faz parte de uma série de eventos - HISTÓRIAS NÃO CONTADAS - em que a Câmara dos Deputados pretende resgatar a memória de determinados fatos que foram desprezados ou omitidos pela história oficial.

Com isso, estamos contribuindo para que a história de nosso país não fique restrita aos circuitos acadêmicos e intelectuais e que possa ser mais conhecida por todos os brasileiros. Afinal de contas, o conhecimento histórico é um instrumento indispensável à construção da cidadania e ao fortalecimento de nossa identidade cultural.

RICARDO ORIÁ
Consultor Legislativo
Curador Centro Cultural



A Batalha do Jenipapo | Artes Paz | Acervo Museu do Pauí



Independência ou Morte! (O Grito do Ipiranga) | Pedro Américo | 1888

A BATALHA DO JENIPAPO NO PROCESSO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Durante muito tempo, a história oficial brasileira abordou a nossa emancipação política de Portugal restrita aos acontecimentos que ocorreram na corte do Rio de Janeiro e que resultaram, posteriormente, no ato do jovem príncipe-regente D. Pedro, retratado, de forma heroica, no quadro "Independência ou Morte", de Pedro Américo. Consolidou-se, nos anais da História, uma visão conciliatória e pacífica de nosso processo de independência, omitindo-se a participação popular e o derramamento de sangue de muitos brasileiros que lutaram em prol de nossa emancipação política de Portugal. Houve guerra entre portugueses e brasileiros nas províncias do Grão-Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia e Cisplatina.

Como tão bem afirmou Laurentino Gomes, na sua obra intitulada 1822, "...a história da Independência do Brasil tem sido contada excessivamente pela perspectiva das margens do Ipiranga. É como se o restante do país não existisse ou todos os demais brasileiros fossem meros coadjuvantes de acontecimentos limitados à região compreendida pelas províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. É uma visão desfocada, construída por historiadores do centro-sul do país que, por preconceito ou desconhecimento, ignoraram de forma deliberada os acontecimentos importantíssimos que envolveram os demais brasileiros. O processo de separação de Portugal mobilizou todo o Brasil. Custou muito sangue e sacrifício nas regiões Norte e Nordeste, onde milhares de pessoas pegaram em armas e morreram na Guerra da Independência. A Batalha do Jenipapo é um exemplo disso."

Embora tenha ocorrido num único dia – 13 de março de 1823 – junto ao rio Jenipapo, na vila de Campo Maior, no Piauí, o conflito foi um dos mais violentos da história, deixando um saldo expressivo de mortos e feridos de ambos os lados. Os brasileiros perderam a batalha, mas não a guerra da Independência.

A Batalha do Jenipapo teve um papel muito importante para garantir a Independência do Brasil e manter a unidade nacional, uma vez que o governo português pretendia, após o 7 de setembro, manter, pelo menos, a parte norte do Brasil como colônia. A Coroa portuguesa fracassara. Graças à Batalha do Jenipapo, entre tantas outras lutas ocorridas em províncias do norte e nordeste, estava consolidada nossa Independência.

Deputado **JESUS RODRIGUES** (PT-PI)



Napoleão no Passo de Saint-Bernard | Jacques-Louis David | 1801

NAPOLEÃO E O BLOQUEIO CONTINENTAL

Em 1806, Napoleão Bonaparte decreta o Bloqueio Continental, proibindo as nações do continente europeu de comercializarem com a Inglaterra. Pretende assim derrotar seu principal adversário na Europa.



Dom João VI | Jean-Baptiste Debret | Museu Nacional de Belas Artes | Rio de Janeiro

A TRANSFERÊNCIA DA CORTE PORTUGUESA

D. João VI, herdeiro do trono português e tradicional aliado da Inglaterra, resolveu seguir o conselho dos ingleses. Para não se submeter ao Bloqueio imposto por Napoleão, transfere as cortes portuguesas para a sua colônia mais próspera, o Brasil, em 1808.

O GOVERNO JOANINO (1808-1821)

Durante o período em que esteve no Brasil, D. João empreendeu uma série de ações que resultaram, na prática, na mudança do status de colônia que o Brasil tinha até então. Foram criadas as Escolas Militares, a Biblioteca Pública, a Academia de Belas Artes, o Jardim Botânico, o Banco do Brasil e a Impressão Régia. Em 1815, o Brasil foi elevado a categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves.



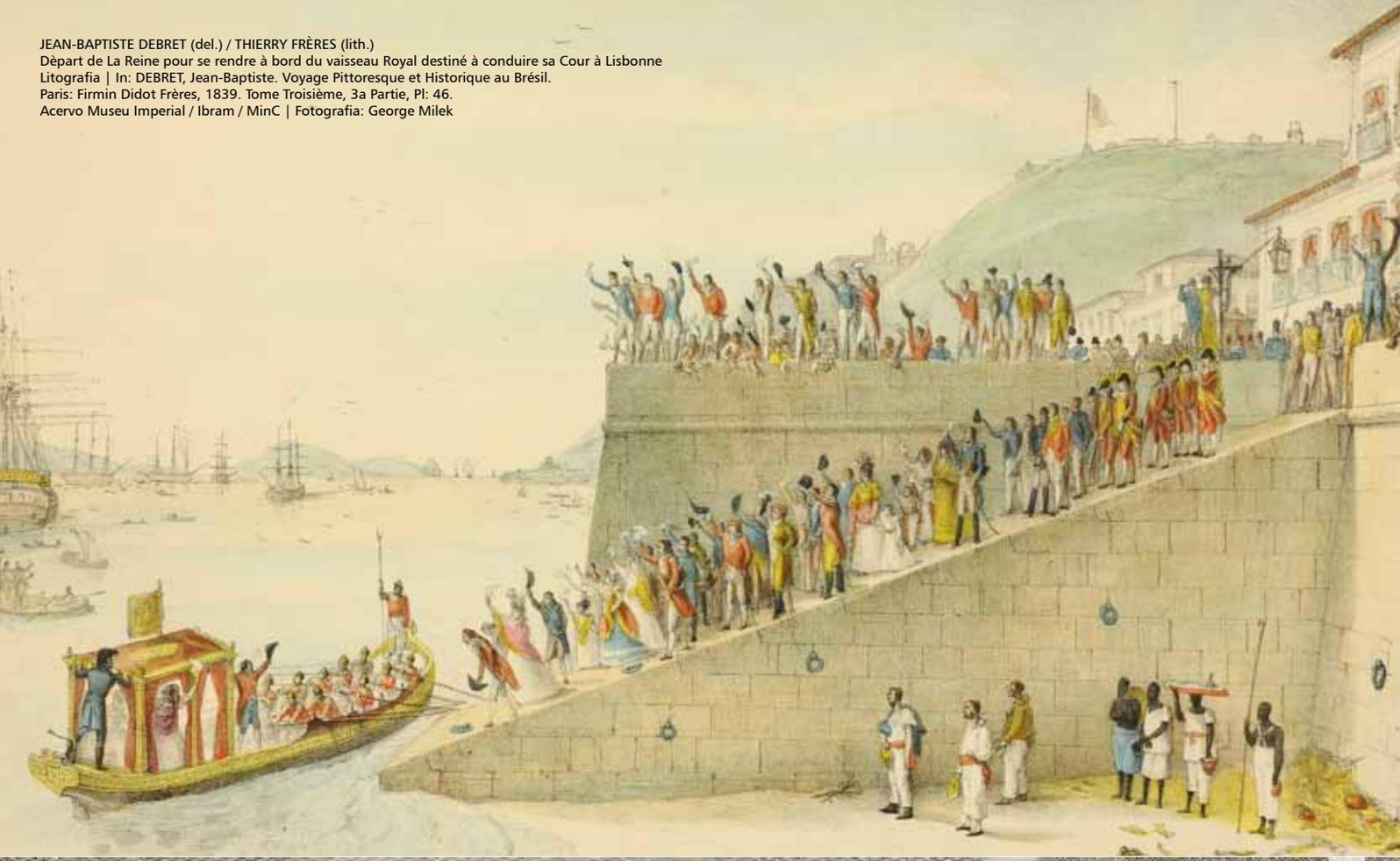
Revolução Liberal do Porto | Autor desconhecido | 1820



A REVOLUÇÃO DO PORTO E AS CORTES DE LISBOA

Em 1820, é deflagrada em Portugal, na cidade de Porto, uma revolução que tinha como objetivos expulsar o embaixador inglês, Beresford, de Portugal, convocar imediatamente D. João para assumir o trono português e de elaborar uma Constituição liberal para Portugal.

JEAN-BAPTISTE DEBRET (del.) / THIERRY FRÈRES (lith.)
Départ de La Reine pour se rendre à bord du vaisseau Royal destiné à conduire sa Cour à Lisbonne
Litografia | In: DEBRET, Jean-Baptiste. Voyage Pittoresque et Historique au Brésil.
Paris: Firmin Didot Frères, 1839. Tome Troisième, 3a Partie, Pl: 46.
Acervo Museu Imperial / Ibram / MinC | Fotografia: George Milek



D. João VI em Portugal | Autor desconhecido | 1831

O RETORNO DE D. JOÃO VI A PORTUGAL (1821)

Pressionado pela Revolução Liberal do Porto, D. João VI retorna para Portugal e deixa no Brasil seu filho D. Pedro, como forma de assegurar os destinos do Brasil. D. João VI considerava que, após tantas mudanças empreendidas na colônia brasileira, seria conveniente deixar seu filho no Brasil e esperar que ele soubesse conduzir os acontecimentos.



IMPERIO DO BRAZIL
Quadro Estatístico.

Nº	PROVINCIA	CAPITAL	Superfície em leguas quadradas	CORRUBAS	MUNICIPIOS	POPULAÇÃO
I	ARAHOCA	MAXIMON	60.500	5	9	150.000
II	GRÃO PARÁ	BELEM	60.500	7	10	150.000
III	MARANHÃO	S. LOUIS	10.000	13	12	150.000
IV	PARAÍBÁ	YANGUEIRA	10.000	13	12	150.000
V	CEARÁ	FORTALEZA	6.000	13	12	150.000
VI	ESTADO DO RIO GRANDE	RECIFE	2.000	8	10	150.000
VII	PERNAMBUCO	OLINDA	2.000	11	10	150.000
VIII	PARANÁ	CURITIBA	2.000	8	10	150.000
IX	SANTA CATARINA	FLORIANÓPOLIS	2.000	8	10	150.000
X	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XI	MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	10.000	13	12	150.000
XII	GOUVIA	OURINHOS	2.000	8	10	150.000
XIII	S. VICENTE	S. VICENTE	2.000	8	10	150.000
XIV	ESPÍRITO SANTO	VITÓRIA	2.000	8	10	150.000
XV	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	2.000	8	10	150.000
XVI	PARANÁ	CURITIBA	2.000	8	10	150.000
XVII	S. CATARINA	FLORIANÓPOLIS	2.000	8	10	150.000
XVIII	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XIX	MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	10.000	13	12	150.000
XX	GOUVIA	OURINHOS	2.000	8	10	150.000
XXI	S. VICENTE	S. VICENTE	2.000	8	10	150.000
XXII	ESPÍRITO SANTO	VITÓRIA	2.000	8	10	150.000
XXIII	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	2.000	8	10	150.000
XXIV	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XXV	PARANÁ	CURITIBA	2.000	8	10	150.000
XXVI	S. CATARINA	FLORIANÓPOLIS	2.000	8	10	150.000
XXVII	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XXVIII	MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	10.000	13	12	150.000
XXIX	GOUVIA	OURINHOS	2.000	8	10	150.000
XXX	S. VICENTE	S. VICENTE	2.000	8	10	150.000
XXXI	ESPÍRITO SANTO	VITÓRIA	2.000	8	10	150.000
XXXII	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	2.000	8	10	150.000
XXXIII	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XXXIV	PARANÁ	CURITIBA	2.000	8	10	150.000
XXXV	S. CATARINA	FLORIANÓPOLIS	2.000	8	10	150.000
XXXVI	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XXXVII	MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	10.000	13	12	150.000
XXXVIII	GOUVIA	OURINHOS	2.000	8	10	150.000
XXXIX	S. VICENTE	S. VICENTE	2.000	8	10	150.000
XL	ESPÍRITO SANTO	VITÓRIA	2.000	8	10	150.000
XL I	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	2.000	8	10	150.000
XL II	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XL III	PARANÁ	CURITIBA	2.000	8	10	150.000
XL IV	S. CATARINA	FLORIANÓPOLIS	2.000	8	10	150.000
XL V	S. PAULO	S. PAULO	10.000	13	12	150.000
XL VI	MINAS GERAIS	BELO HORIZONTE	10.000	13	12	150.000
XL VII	GOUVIA	OURINHOS	2.000	8	10	150.000
XL VIII	S. VICENTE	S. VICENTE	2.000	8	10	150.000
XL IX	ESPÍRITO SANTO	VITÓRIA	2.000	8	10	150.000
L	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO	2.000	8	10	150.000
TOTAL			291.000	215	205	11.000.000



A CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DA AMÉRICA PORTUGUESA

Desde 1621, o território da América Portuguesa estava dividido em duas unidades administrativas autônomas:

Estado do Maranhão, ao norte, com capital em São Luís, abrangendo as capitanias do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará.

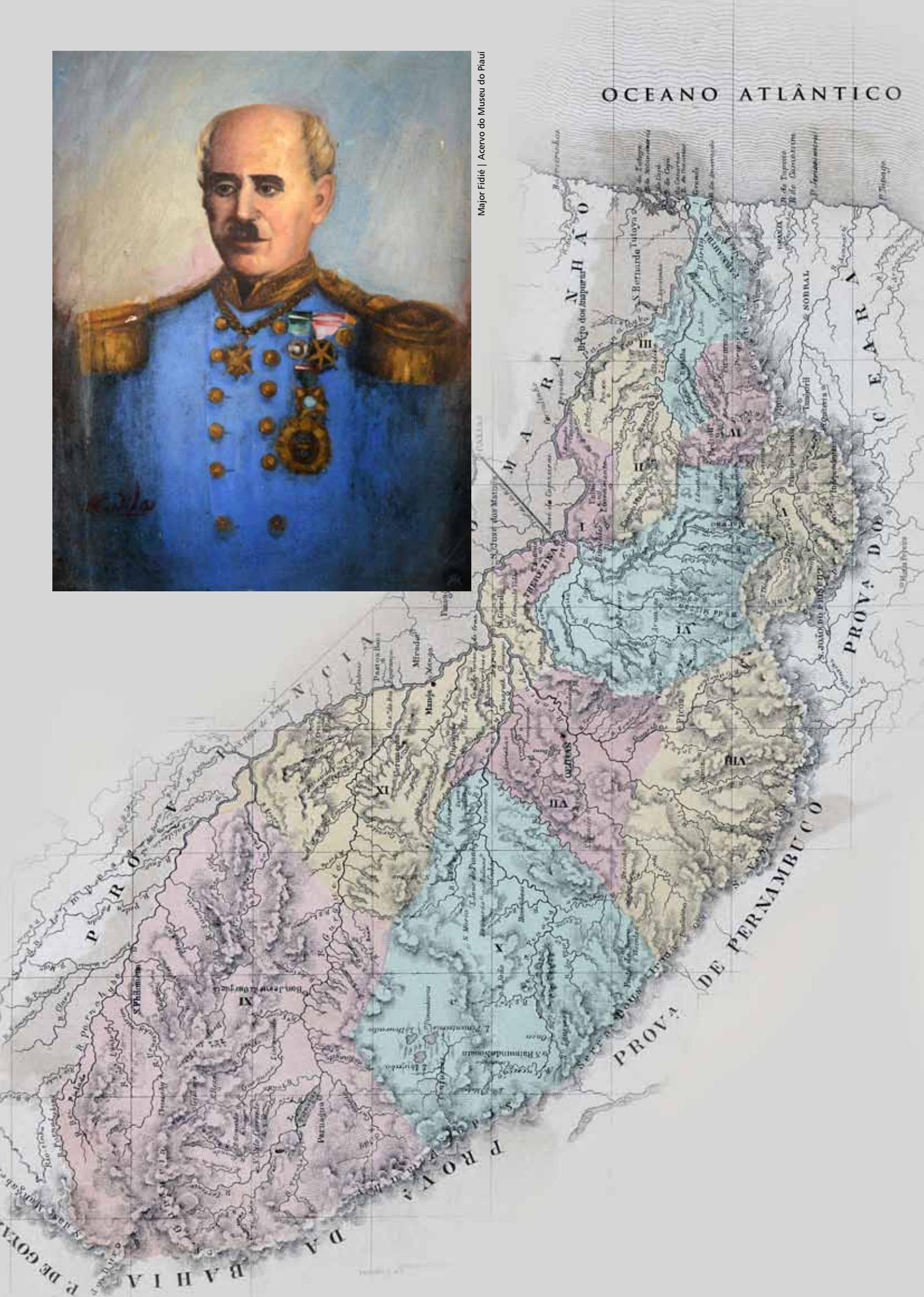
Estado do Brasil, ao sul, cuja capital era Salvador, abrangendo as demais capitanias.

D JOÃO VI E O PROJETO DE DOMÍNIO NO NORTE DO BRASIL

Desde o período colonial, o norte do Brasil mantinha mais relações comerciais com Lisboa do que com Salvador e, posteriormente, com o Rio de Janeiro. D. João VI começa a articular um plano para manter o norte do Brasil fiel a Portugal, diante da inevitabilidade da colônia se tornar independente.



Major Fidélis | Acervo do Museu do Piauí



O PIAUÍ NOS INTERESSES DA METRÓPOLE PORTUGUESA

Para o historiador Tobias Monteiro, a província do Piauí era de grande importância, pois não só se tornava barreira ao contágio das ideias novas, mas também representava grande papel nas relações econômicas com a sua vizinha do oeste (Maranhão), que lá fazia provisões de gado.

MAJOR FIDIÉ NA PROVÍNCIA DO PIAUÍ

Com o propósito de manter o norte do Brasil fiel à Portugal, D. João VI resolveu enviar para a Província do Piauí o experiente Major português João José da Cunha Fidié, herói de guerra das lutas peninsulares, lutando ao lado do general inglês Duque de Wellington contra as tropas de Napoleão Bonaparte. D. João VI determinou a Fidié antes da sua partida para o Brasil: “Mantenha-se, Mantenha-se!”



A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

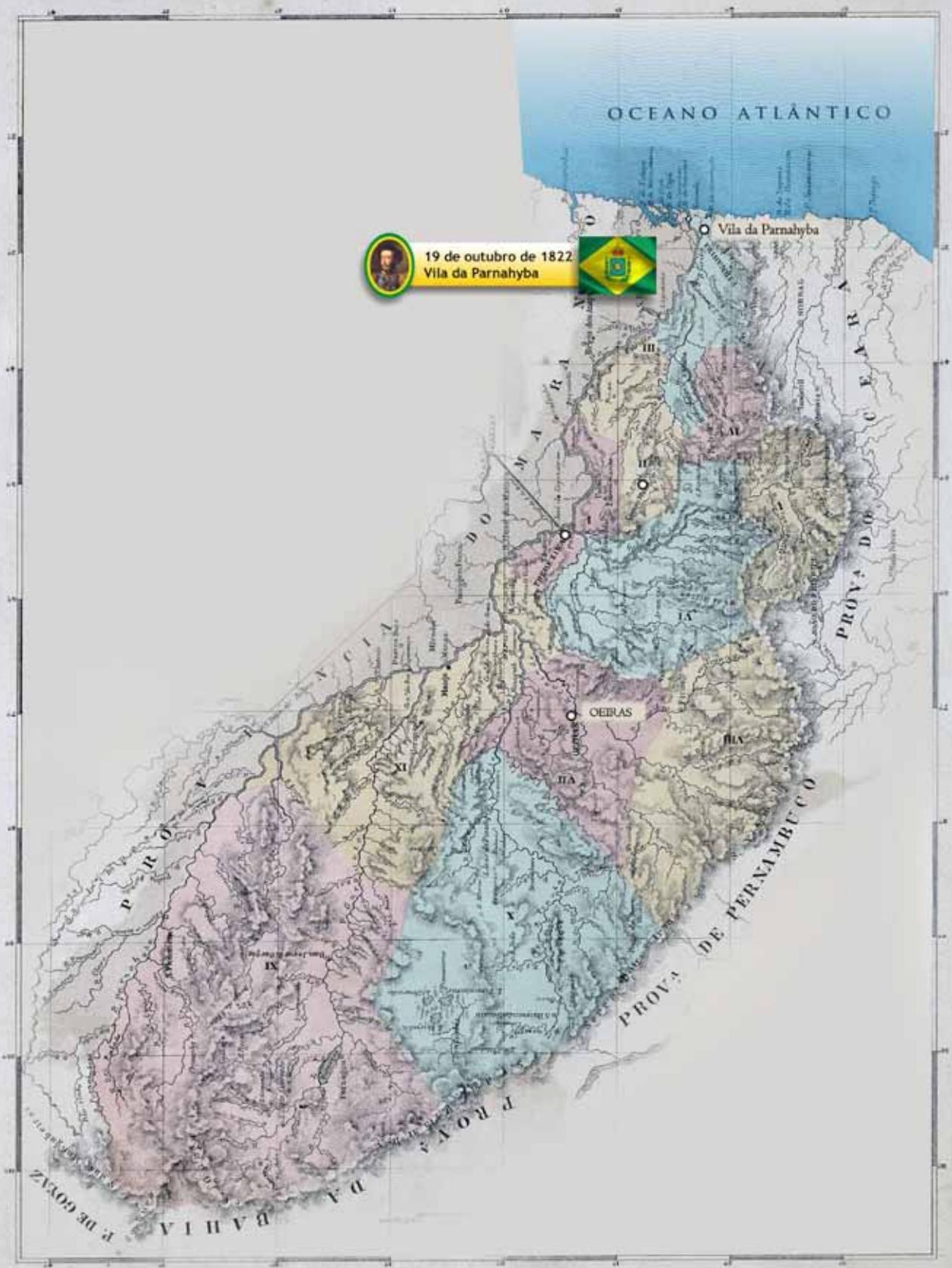
No dia 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo, D. Pedro proclama a Independência do Brasil com o “brado retumbante” Independência ou Morte!, retratado, de forma heróica, no quadro de Pedro Américo.

Cumpriu-se, assim, o desejo de D. João VI, que ao se despedir de seu filho disse: *“Se o Brasil se separar antes seja para ti, que me há de respeitar do que para algum desses aventureiros.”*

O Brasil seria a única colônia que se tornou nação independente por obra do filho do rei da sua metrópole.

PROVÍNCIAS CONTINUAM FIÉIS A PORTUGAL

Apesar da proclamação da independência feita por D. Pedro, as províncias do Piauí, Maranhão, Pará, Mato Grosso e Goiás continuaram fiéis a D. João VI, só aceitando obedecer às ordens emanadas de Lisboa.



19 de outubro de 1822
Vila da Parnahyba



ADESÃO DA PARNAÍBA À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

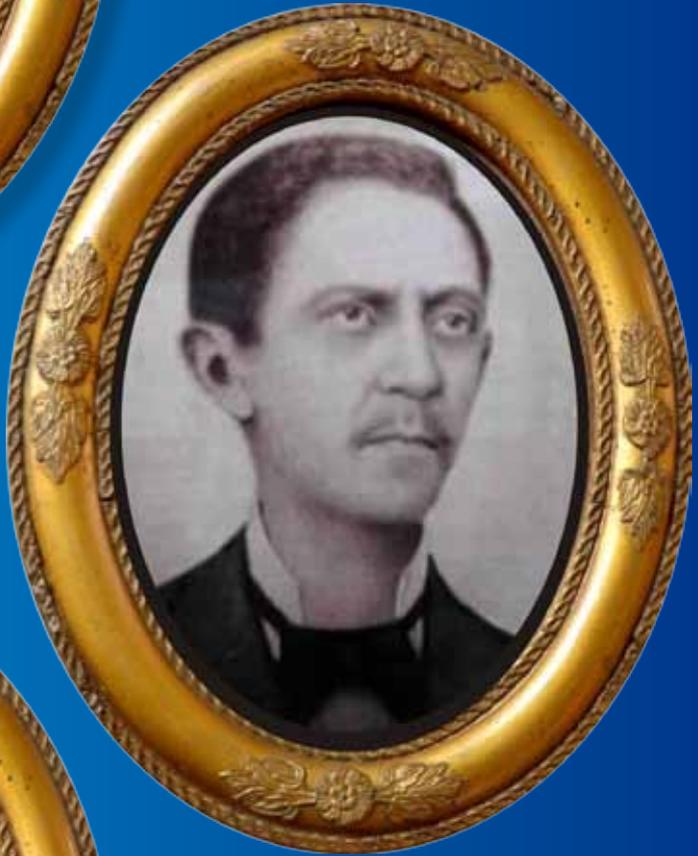
Na vila de São João da Parnaíba, na Província do Piauí, é proclamada a adesão à Independência em 19 de outubro de 1822.

A Vila da Parnaíba, embora não tivesse o peso político de Oeiras, concentrava uma elite intelectual que fazia dela um importante difusor das novas ideias libertárias. Era, possivelmente, o mais importante centro cultural e intelectual da Província, para o qual fluíam notícias do país e do mundo.

Simplicio Dias da Silva | Acervo do Museu do Piauí



João Cândido de Deus e Silva



Leonardo Castelo Branco



PRINCIPAIS LÍDERES EMANCIPACIONISTAS NA PARNAÍBA

Um dos líderes do movimento na Vila da Parnaíba foi

Simplício Dias da Silva. Homem de enorme cabedal, nas suas charqueadas eram abatidos doze mil bois, anualmente. Possuía cerca de 1.800 escravos, organizados militarmente com armas, educados e preparados, em sua maioria, em Lisboa e no Rio de Janeiro.

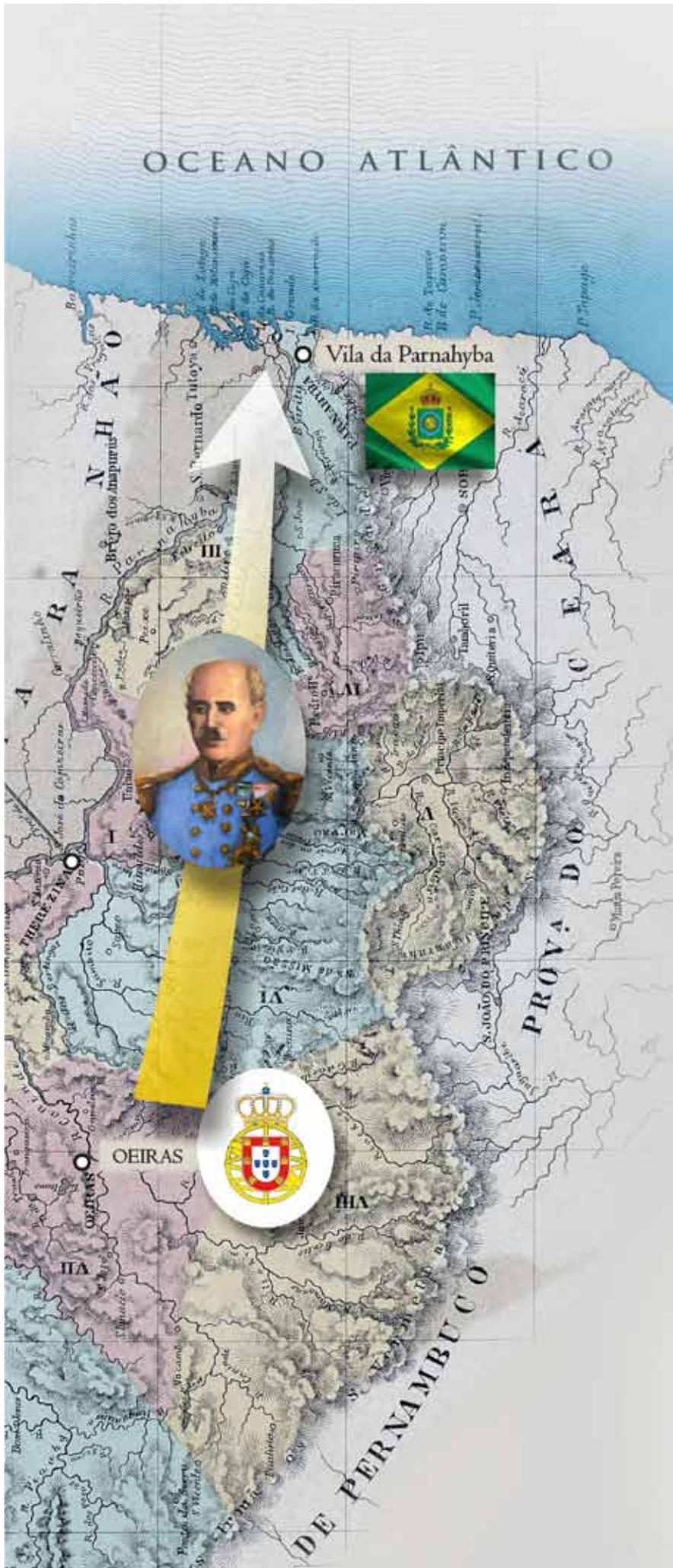
Simplício Dias estudou nas melhores escolas de São Luís, tendo realizado curso jurídico em Coimbra. Viajou pela Itália, Inglaterra e França, onde entrou em contato com as ideias iluministas.

Outro líder foi **João Cândido de Deus e Silva**, juiz de Direito e presidente da Câmara da Vila da Parnaíba quando das lutas pela independência:

“A melhor, a maior, a mais rica, a mais populosa parte do Brasil tem se declarado a favor da causa da independência; como persuadir-nos que o resto não siga a mesma causa? Ou quererão os povos olhar de sangue frio o seu país dividido, seguindo o sul um sistema e o norte outro?”

(João Cândido de Deus e Silva).

Leonardo Castelo Branco, fazendeiro, poeta, inventor, proclamou a adesão das Vilas de Parnaíba, Piracuruca e Campo Maior à independência do Brasil. Ao atravessar o Rio Parnaíba, indo do Piauí para o Maranhão, com o objetivo de mobilizar os maranhenses para a causa da independência, com apenas três soldados, foi preso e levado a São Luiz. Da capital do Maranhão foi conduzido para a prisão do Limoeiro em Portugal, onde ficou detido até 22 de junho de 1823.



João Cândido de Deus e Silva



Simplicio Dias da Silva | Acervo do Museu do Piauí



Leonardo Castelo Branco

A CAMPANHA DE FIDIÉ

Fidié saiu de Oeiras em direção a Parnaíba. Percorreu 660 Km de distância sob um sol escaldante. Uma situação muito diversa daquelas que o militar português tinha enfrentado na Europa nas guerras contra o exército de Napoleão Bonaparte.

A REAÇÃO DOS LÍDERES PIAUIENSES

Os independentes, sabendo do deslocamento das tropas portuguesas, refugiaram-se em Granja, no Ceará.

João Cândido de Deus e Silva, Simplício Dias da Silva e Leonardo Castelo Branco negociaram a vinda de tropas, em socorro ao Piauí.

Simplício Dias financia toda a reação contra Fidié. Sobre os destroços da sua riqueza, edifica-se a unidade pátria.



Documentário "A História da Independência do Piauí" | TV Cidade Verde (Teresina-PI) | 2008



Manuel de Souza Martins | Acervo do Museu do Piauí



A TOMADA DA PARNAÍBA

No dia 18 de dezembro de 1822, Fidié entrou com sua tropa na Vila São João da Parnaíba, encontrando as ruas desertas, tendo em vista que o povo se trancara em suas casas e ninguém ousou sair para recebê-lo.

Arrastando a artilharia e demais apetrechos de guerra, percorreu as ruas desertas e mandou a tropa ficar perfilada em formação no Largo da Matriz. Logo se dirigiu para a Casa da Câmara, para dela exigir a imediata renovação do juramento de fidelidade a D. João VI.

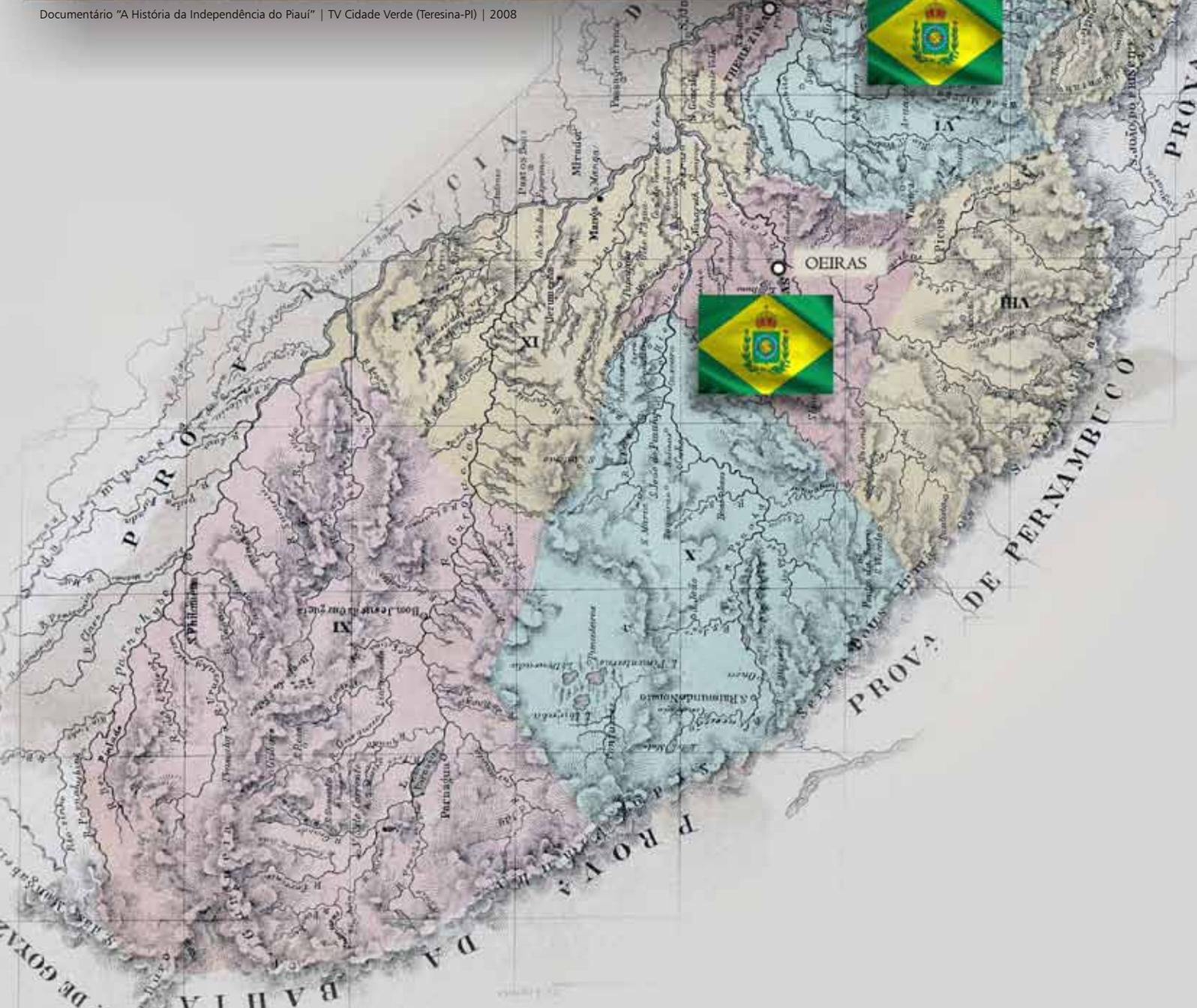
OEIRAS ADERE À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Sob a liderança de **Manuel de Sousa Martins**, no dia 24 de janeiro de 1823, em Oeiras, então capital da Província do Piauí, foi proclamada a adesão à Independência do Brasil e declarada fidelidade a D. Pedro I.

Fidié resolveu marchar em direção a Oeiras para reprimir o movimento emancipacionista. Saiu de Parnaíba no dia 1º de março de 1823. No meio do caminho, na altura de Campo Maior, encontrou as forças emancipacionistas capitaneadas por Luis Rodrigues Chaves.



Documentário "A História da Independência do Piauí" | TV Cidade Verde (Teresina-PI) | 2008

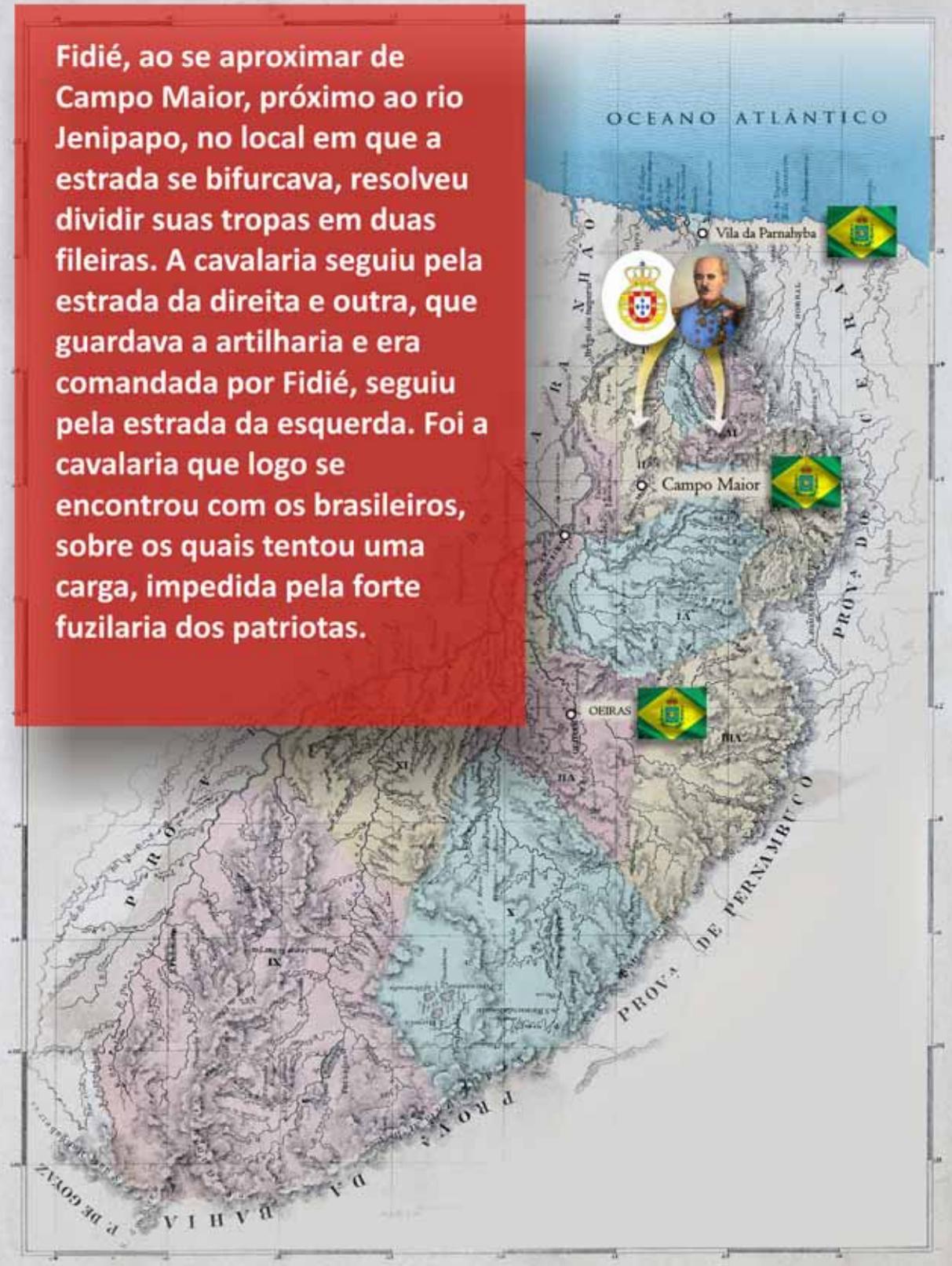


A LUTA DA INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ

A Província do Piauí estava dividida entre os que queriam permanecer ligados a Portugal e os que defendiam a adesão ao imperador D. Pedro I.

Na luta pela independência do Piauí, o **capitão Luis Rodrigues Chaves** entrou em Campo Maior à frente de uma força de 180 cearenses, no dia 12 de fevereiro de 1823. Assumiu a direção das forças que encontrou em Campo Maior e fez comunicação para Oeiras em 17 de fevereiro de 1823. Até aquela data não encontrara nenhuma oposição. Com as tropas que encontrou no local passa a ter, sob suas ordens, cerca de 400 praças.

Fidié, ao se aproximar de Campo Maior, próximo ao rio Jenipapo, no local em que a estrada se bifurcava, resolveu dividir suas tropas em duas fileiras. A cavalaria seguiu pela estrada da direita e outra, que guardava a artilharia e era comandada por Fidié, seguiu pela estrada da esquerda. Foi a cavalaria que logo se encontrou com os brasileiros, sobre os quais tentou uma carga, impedida pela forte fuzilaria dos patriotas.





“Ao ouvir os primeiros tiros, os inexperientes brasileiros acreditaram que toda a tropa portuguesa estava concentrada no flanco esquerdo. Foi um erro fatal. Em tropel desordenado, abandonaram a linha de defesa que haviam formado ao longo da margem do rio para se concentrar todos só naquele ponto. Isso deu a Fidié a oportunidade de cruzar o Jenipapo num ponto desguarnecido e calmamente montar a artilharia no alto de uma ondulação que desponta sobre a várzea. Ao perceber a manobra, os brasileiros já estavam cercados, de um lado pela cavalaria e, de outro, por 11 canhões que começaram a despejar sobre eles uma chuva de fogo”.

(Laurentino Gomes, 1822)





13 de março de 1823

“Quando passava do meio-dia, não a consciência da derrota mas o cansaço puro e simples começou a dominá-los. As armas caíam-lhes das mãos trêmulas. As pernas bambeavam. Já não combatiam, arrastavam-se para a morte (...). Também os partidários de Fidié caíam de cansaço. Cinco horas de luta ininterrupta e um sol abrasador tiravam-lhe totalmente o ânimo. Não perseguiram os independentes em retirada. Não poderiam fazê-lo. A vitória amarga não conseguira alegrar o coração do comandante português. Ele estava assombrado com o arrojo, a valentia e o desamor pela vida demonstrados pelos seus adversários”.

(Monsenhor Chaves, OBRAS COMPLETAS)



A Batalha do Jenipapo | Artes Paz | Acervo Museu do Piauí

Segundo o jornalista Laurentino Gomes, a longa Batalha do Jenipapo cansou a todos. Ao final, por volta das 14h, o chão estava coalhado de cadáveres. Fidié saiu vitorioso. Os brasileiros independentes foram derrotados. Calcula-se que mais de duzentos bravos lutadores da causa independente teriam morrido e outros quinhentos, presos. Do lado português, apenas dezesseis. Entretanto, a luta foi aguerrida, de tal modo que Fidié reconsiderou seus planos, pois se em Campo Maior travou essa batalha, tinha receio de encontrar mais lutas pela frente.



Documentário "A História da Independência do Piauí" | TV Cidade Verde (Teresina-PI) | 2008

Encenação da Batalha do Jenipapo | FUNDAC – Fundação Cultural do Piauí 2012



ENTRE FOICES E FACÕES: A PARTICIPAÇÃO POPULAR

“O povo estava acima de qualquer expectativa. Cada um, o vaqueiro e o roceiro, foi mais pronto em se alistar para o tributo de sangue. Ninguém se recusou a acudir o apelo, e, dentro de três dias, as fileiras se engrossaram e uma numerosa multidão ficou à espera dos portugueses para o combate. É assim que perto de dois mil homens, vibrando num entusiasmo ruidoso, expansivos como quem volta de um triunfo, acudiram à chamada e formaram em frente à Igreja de Santo Antônio (...). E só a loucura patriótica explica a cegueira desses homens que iriam partir ao encontro de Fidié quase desarmados”.

(Abdias Neves, A GUERRA DO FIDIÉ)

MULHERES AGUERRIDAS NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

“As próprias mulheres não ficavam indiferentes: mandavam os maridos, os filhos, os irmãos para a guerra e a fim de que levassem munições e armas. Vendiam as joias, se nada mais tinham a vender. A mulher piauiense mostrou, nessa ocasião, a grande fortaleza, o ânimo varonil de lendárias heroínas. Foi inexcedível de amor pelo triunfo completo da Independência que a abraçara, desde as primeiras proclamações”.

(João Cândido de Deus e Silva)



Major Fidé | Acervo do Museu do Piauí



A RESISTÊNCIA E CAPITULAÇÃO DE FIDIÉ

Fidié, com superioridade em termos de armamento e de experiência militar, venceu a Batalha do Jenipapo mas, no calor da batalha, teve sua bagagem de guerra subtraída pelos patriotas, ficou sem soldos e sem munição. Fora um golpe terrível este que sofrera. Não lhe restava opção que não fosse esquecer momentaneamente os separatistas de Oeiras e dirigir seu curso para o lado do Maranhão, buscando refúgio e o fortalecimento de sua tropa. De Campo Maior seguiu para o Estanhado (União) e daí para Caxias, no Maranhão.

Fidié resistiu por três meses no morro das Tabocas, hoje morro do Alecrim, em Caxias, quando então capitulou. Foi levado preso para Oeiras e depois para o Rio de Janeiro, de onde foi deportado para Portugal por ordem de D. Pedro I. O projeto de D. João VI de manter o norte do Brasil colônia de Portugal fracassara.

“Resisti até o ultimo apuro, tirando do campo inimigo, à ponta da baioneta, os víveres precisos para sustentar a minha tropa, cheia de fadiga, e reduzida às circunstanciais mais penosas, até que certo de que não podia ser socorrido e não podendo fazer mais nada honroso, capitulei.”

(Major Fidié, VÁRIA FORTUNA DE UM SOLDADO PORTUGUÊS)



SEM JENIPAPO, NÃO HAVERIA BRASIL!

A Batalha do Jenipapo teve um papel muito importante na garantia da unidade territorial do país recém-emancipado, uma vez que o governo português pretendia, após o 7 de setembro, manter, pelo menos, a parte norte do Brasil como colônia. A Coroa portuguesa fracassara. Graças à resistência dos brasileiros nas lutas ocorridas nas províncias do norte e nordeste, entre as quais a Batalha do Jenipapo, estava consolidada a Independência do Brasil.



A atual bandeira do estado do Piauí traz inscrita a data da heroica Batalha do Jenipapo - 13 de março de 1823.

A MEMÓRIA DA BATALHA DO JENIPAPO

Nos últimos anos, a Batalha do Jenipapo tem sido objeto de interesse por parte do estado do Piauí na constituição de vários lugares de memória. Símbolos estaduais, datas comemorativas, monumentos, atos cívicos e publicações as mais diversas evocam esse episódio, ressaltando a participação do Piauí na história da independência do Brasil.



O Brasão e a Bandeira do Piauí

Adotado a partir do governo de João Luiz Ferreira (1922), o brasão é um emblema, um selo obrigatório em todos os documentos oficiais do estado. Entre seus elementos mais destacados estão as três palmeiras nativas do Piauí, da direita para a esquerda: carnaúba, buriti e babaçu. Os três peixes prateados, da espécie piau, representam os três maiores rios do estado: Parnaíba, Canindé e Poti. A estrela de prata significa a aspiração pelo progresso e o par de ramos representam o algodão (direita) e cana-de-açúcar (esquerda). A frase em latim *Impavidum ferient ruinae* ("O Desafio não nos Amedronta") foi extraída de uma das Odes, do poeta e filósofo romano Horácio.



2013: 190 anos da Batalha do Jenipapo

Em comemoração aos 190 anos da Batalha do Jenipapo, a empresa dos Correios colocou em circulação, no dia 17 de agosto de 2013, uma quadra de selos que retratam alguns cemitérios brasileiros, tombados como patrimônio cultural pelo IPHAN. A emissão destaca as referências históricas, artísticas e arquitetônicas de cada um deles.

No Cemitério do Batalhão, em Campo Maior, destaca-se a representação de algumas sepulturas e uma árvore, que ressalta a beleza e a simplicidade do local, onde ocorreu uma das batalhas mais sangrentas de nossa história pátria.

Datas comemorativas

O 24 de Janeiro de 1823 é a data da Independência do estado, proclamada em Oeiras. Já o 19 de outubro foi definido como o "Dia do Piauí" pela Lei nº 176, de 30 de agosto de 1937. Leônidas de Castro Melo, governador do Piauí durante o Estado Novo varguista, escolheu essa data como forma de realçar a 1ª Proclamação da Independência do Piauí, que se deu em 19 de outubro de 1822, na Câmara de São José da Parnaíba, pelos valorosos piauienses que estiveram em defesa da independência piauiense sob o domínio lusitano: Simplicio Dias da Silva, João Cândido de Deus e Silva, Domingos da Silva e outros mais.

A MEMÓRIA DA BATALHA DO JENIPAPO

A Batalha na TV: documentário sobre a independência do Piauí

Em 2008, a TV Cidade Verde, de Teresina, produziu um documentário de 1 hora e 52 minutos sobre “A História da Independência do Piauí”. Um trabalho sem nenhum precedente na televisão brasileira, que contou com locações em Oeiras, Campo Maior e Parnaíba, no Piauí; Salvador e Rio de Janeiro, além de Lisboa, em Portugal.



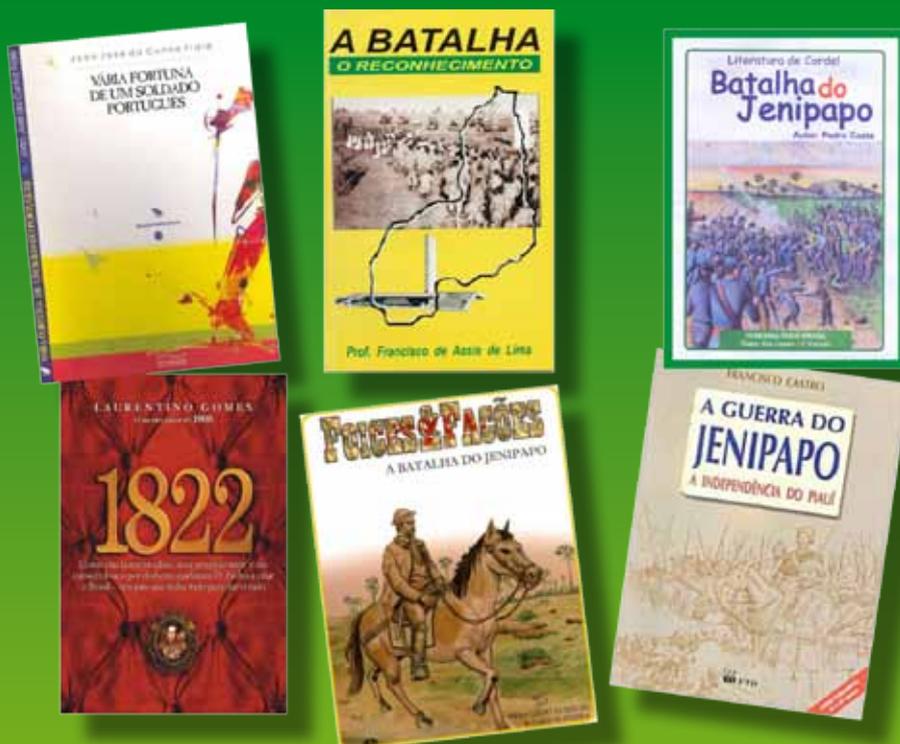
O teatro da memória

Todos os anos, no dia 13 de março, uma peça teatral é encenada relembrando a história da Batalha do Jenipapo. Nesta data, há uma programação cívico-militar com desfiles de tropas da Polícia Militar, Polícia Civil e do Exército Brasileiro. Também são agraciadas pessoas que prestaram relevantes serviços ao Estado com a mais elevada comenda do Piauí – a “Ordem do Mérito Renascença” e a mais alta comenda de Campo Maior – “Ordem Heróis do Jenipapo”.



A Batalha do Jenipapo na historiografia

Dentre as obras já publicadas sobre a Batalha do Jenipapo temos desde pesquisas acadêmicas até versões em literatura de cordel e história em quadrinhos, cujo objetivo é divulgar esse fato histórico a um maior número de brasileiros.





A MEMÓRIA DA BATALHA DO JENIPAPO



O Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo

Por ocasião dos 150 anos desse fato, em 1973, em pleno regime militar, foi construído o “Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo”. No dia 13 de março de 2002, foi colocado o busto de Leonardo Castelo Branco, no referido Monumento, em Campo Maior, estado do Piauí.

Relegada ao esquecimento pela historiografia oficial e para que não seja apenas do conhecimento dos piauienses, há uma mobilização no Congresso Nacional, em Brasília, para que a Batalha do Jenipapo seja introduzida nos livros didáticos de nossa história. Essa exposição é parte deste esforço!



Mesa Diretora da Câmara dos Deputados

Presidente

Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)

1º Vice-Presidente

André Vargas (PT-PR)

2º Vice-Presidente

Fábio Faria (PSD-RN)

1º Secretário

Márcio Bittar (PSDB-AC)

2º Secretário

Simão Sessim (PP-RJ)

3º Secretário

Maurício Quintella Lessa (PR-AL)

4º Secretário

Biffi (PT-MS)

Suplentes

Gonzaga Patriota (PSB-PE)

Wolney Queiroz (PDT-PE)

Vitor Penido (DEM-MG)

Takayama (PSC-PR)

Ouvidor Parlamentar

Nelson Marquezelli (PTB-SP)

Procurador Parlamentar

Claudio Cajado (DEM-BA)

Corregedor Parlamentar

Átila Lins (PSD-AM)

Diretor-Geral

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

Secretário-Geral da Mesa

Mozart Vianna de Paiva

Coordenação do Projeto

Proposição

Deputado Jesus Rodrigues (PT/PI)

Curadoria

César Robério Soares do Monte

Coordenação do Núcleo de Design

Akimi Watanabe

Produção

Sylvia Helena

Fotografia

Jonas Sousa

Revisão

Odúlia Capelo

Projeto Gráfico

Ely Borges

Agradecimento Especial

Paulo Cezar de Souza Martins

Prefeito de Campo Maior (PI)

Direção do Centro Cultural

Isabel Martins Flecha de Lima

Informações

Centro Cultural – 61 3215 8080 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados

Anexo I – Sala 1601 – Cep 70.160-900 – Brasília/DF

<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>





Centro Cultural

